

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA DO CARMO SANT'ANNA FLOR

**BILHETES ESCOLARES: INTERMEDIANDO APRENDIZAGENS**

Porto Alegre

2012

MARIA DO CARMO SANT'ANNA FLOR

**BILHETES ESCOLARES: INTERMEDIANDO APRENDIZAGENS**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre

2012

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu forças, coragem e inspiração nos momentos difíceis.

Aos meus pais, que me deram a vida e me ensinaram a não desistir nunca de meus propósitos.

Ao meu esposo e a filhos, que acompanharam este trajeto. Obrigado pela paciência, pela compreensão e pelo apoio.

À professora e à turma do 4º ano, meu laboratório de aprendizagens e experiências, pela acolhida, pelos afetos, pelas trocas, pelas aprendizagens e... pelos bilhetinhos.

Às minhas colegas e amigas, que fizeram minhas manhãs mais alegres e prazerosas.

À minha querida orientadora Sandra, que me auxiliou nas escolhas dos caminhos percorridos na execução deste trabalho, com paciência e dedicação.

Aos professores e funcionários que fazem da UFRGS uma universidade de qualidade, especialmente a todos os professores das disciplinas que cursei.

A todos que contribuíram para que não só este trabalho, mas toda a minha formação fosse possível, através da compreensão de minhas ausências, da troca de experiências, dos ensinamentos, dos carinhos, dos afetos.

## RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apresenta como foco de análise bilhetes escolares que crianças de um quarto ano do Ensino Fundamental, de uma escola estadual de Porto Alegre, escreveram para sua professora de forma espontânea, durante o período do estágio curricular docente. Tem como objetivo analisar se a troca de bilhetes favoreceu o desenvolvimento e a aprendizagem da escrita e da leitura do gênero bilhete, do uso de diferentes recursos gramaticais, da expressão e da comunicação, da qualificação da escrita ortográfica. Ou seja, buscou-se examinar se a escrita espontânea funciona como um facilitador no processo de ensino-aprendizagem em linguagem. O aporte metodológico utilizado foi a abordagem qualitativa da pesquisa documental. As análises desenvolvidas, a partir de autores como Kaufman e Rodríguez, Drey e Silveira, Geraldí, Dalla Zen e outros, possibilitaram a observância nos textos infantis das marcas de aprendizagens efetivadas, como domínio do gênero bilhete, recursos e hipóteses de linguagem utilizadas e capacidade de comunicação e expressão através da escrita, bem como o desenvolvimento de um ambiente mais afetivo no grupo.

**Palavras-chave:** Bilhetes escolares. Aprendizagem. Linguagem.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTANDO A PESQUISA.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSOS.....</b>	<b>6</b>
<b>2.1</b>	<b>Apresentando a escola e a turma.....</b>	<b>6</b>
<b>2.2</b>	<b>Apresentando o tema e os objetivos.....</b>	<b>7</b>
<b>2.3</b>	<b>Material empírico e metodologia de pesquisa.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS E PRODUÇÃO DE TEXTOS.....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>BILHETES EM ANÁLISE.....</b>	<b>17</b>
<b>4.1</b>	<b>Categoria 1 – Domínio do gênero bilhete.....</b>	<b>17</b>
<b>4.2</b>	<b>Categoria 2 – Recursos e hipóteses de comunicação e expressão.....</b>	<b>22</b>
<b>4.3</b>	<b>Categoria 3 – Afetividade através da escrita.....</b>	<b>30</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 APRESENTANDO A PESQUISA

A presente pesquisa, resultado do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresenta como foco de análise bilhetes escolares que as crianças de um quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Porto Alegre escreveram para sua professora (estagiária), de forma espontânea, durante o período do estágio. Trata-se de uma pesquisa que utiliza como aporte teórico os pressupostos da abordagem qualitativa de investigação em educação do tipo pesquisa documental. Neste capítulo introdutório, relato experiências de minha caminhada docente, que justificam a escolha da temática da presente pesquisa.

O estudo que aqui apresento foi organizado em três partes. No segundo capítulo, faço uma contextualização da escola e da turma na qual a pesquisa foi realizada. Informo também as motivações que me levaram ao interesse pelo tema (os bilhetes escolares) e os critérios de escolha dos textos analisados, e aponto os recursos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho. O aporte metodológico utilizado foi a abordagem qualitativa da pesquisa documental, inserindo-se nos estudos sobre linguagem e aprendizagem, mais precisamente sobre a produção textual de bilhetes.

No terceiro capítulo, desenvolvo uma síntese de conceitos linguísticos que estiveram presentes durante minha formação e prática docente, apoiando-me em autores como Kaufman e Rodríguez, Drey e Silveira, Geraldi, Dalla Zen e outros.

Já no quarto capítulo, faço uma análise do que é recorrente nos bilhetes selecionados para a análise, dividindo-os em três categorias, de acordo com as marcas mais circulares: Categoria 1 – Domínio do gênero bilhete; Categoria 2 – Recursos e hipóteses de comunicação e expressão; Categoria 3 – Afetividade através da escrita. A partir da observação desses elementos característicos dos bilhetes, reflito sobre os resultados obtidos pelos alunos, em termos de aprendizagem na área da linguagem, a partir da escrita espontânea dos bilhetes.

A última seção deste trabalho trata de minhas considerações finais, nas quais retomo conceitos importantes abordados nesta pesquisa, verso sobre minhas perspectivas em relação à aprendizagem da linguagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental e sobre o que aprendi com a análise e a reflexão quanto aos bilhetes recebidos de meus alunos.

## 2 PERCURSOS

### 2.1 Apresentando a escola e a turma

No segundo semestre do ano de 2010, realizei meu estágio curricular docente numa turma de quarto ano do Ensino Fundamental, numa escola pública estadual, localizada na zona leste de Porto Alegre. A escola atende, em média, 480 alunos da Educação Infantil, nível B, até o nono ano do Ensino Fundamental, nos turnos manhã e tarde. Os estudantes são de classe média a baixa, na sua maioria, moradores das redondezas do bairro; há também alunos oriundos da periferia, de bairros nobres e procedentes de escolas particulares.

Fui acolhida com muita cordialidade por todos nessa escola, principalmente pela professora titular e pelos alunos da turma com a qual trabalhei, que era composta por 20 alunos, sendo cinco meninas e 15 meninos, com idades entre nove e 13 anos. Comecei, então, o período de observação em sala de aula e, no desenrolar das atividades, pude perceber que os alunos mostravam algumas incertezas em relação à ortografia, à pontuação, à leitura e à interpretação de textos. Também se sobressaíram as brigas, a troca de palavrões, tanto na Educação Física quanto na sala de aula, os empurrões e os deboches, revelando uma intolerância com as diferenças e certa desarmonia no relacionamento.

Conforme Zabala (1999, p. 142),

[...] no currículo para o ensino fundamental, os conteúdos procedimentais da área da língua se estruturam seguindo o eixo da língua oral e escrita, o da compreensão e o da expressão [...] a escrita como meio de comunicação é um procedimento que inclui uma série de processos menores que é preciso exercitar para adquirir um domínio global adequado.

Assim sendo, busquei realizar um trabalho com os diferentes gêneros textuais e suas características, que, além de proporcionar novos conhecimentos às crianças, constituem-se em uma importante ferramenta para a construção de conhecimentos relativos às manifestações reais da linguagem em nossas relações nas atividades sociais.

Surgiu, assim, o planejamento do projeto para a minha prática docente com o eixo: *o texto em sala de aula – tecendo relações e relacionamentos*. Esse projeto procurava dar sentido às regras, às normas e às convenções escritas e voz ao

processo criador e imaginativo dos alunos, através do trabalho em sala de aula com textos ricos e estimulantes, conjugando a linguagem com o cotidiano.

## 2.2 Apresentando o tema e os objetivos

O subprojeto *Gentileza gera gentileza* (disseminador dos bilhetinhos em sala de aula) desencadeou-se a partir de um trabalho realizado com o poema *Pichação*, escrito por Anna Flora, que gerou uma discussão em torno do significado da palavra pichação e do cuidado com o que é público. Na semana seguinte, conhecemos a história do Profeta Gentileza e, dando continuidade ao tema, trabalhamos a letra da música *Gentileza*, de Marisa Monte, composta em homenagem à referida figura do profeta. Como os alunos mostraram dificuldades na execução da atividade da motivação prévia, que constava em escrever palavras de gentileza nas pétalas de uma flor e entregá-la para um colega, fizemos uma reflexão sobre os motivos da tensão surgida.

Como se aproximava o Dia das Crianças, começamos com a troca de mensagens do amigo secreto, que foi revelado numa festinha. Os alunos gostaram tanto da troca de mensagens que pediram para continuar. Propus, então, que fizéssemos o *Correio da Primavera*, e assim continuamos trocando flores e mensagens de gentileza até o último dia do estágio.

Paralelamente ao desenvolvimento dos projetos, visando a estimular uma convivência menos excludente e mais harmoniosa no tocante às interações dentro da sala de aula, eu entregava para eles, todas as semanas, mensagens com versinhos referentes a sentimentos como amizade, amor, gratidão, respeito, carinho etc. Com a troca de bilhetinhos, foi surgindo um clima de cumplicidade na sala de aula. E foi assim que passamos a desenvolver novas maneiras de integração e cooperação, descobrindo diversas formas de gentileza. Os alunos passaram a produzir textos de gentileza, através de bilhetes e desenhos, que eram trocados entre eles, entre eles e a professora titular, entre eu e eles e entre eu e a professora titular.

Assim, os bilhetes, em princípio utilizados numa tentativa de ver germinar gestos educados e saudáveis e uma convivência social harmônica, aos poucos foram se integrando na rotina da sala de aula, de forma que passei a receber bilhetinhos de meus alunos todos os dias. Pude perceber que, ainda que não



tenham sido planejados, os bilhetes foram se transformando numa forma de expressão e de apropriação de algumas questões que dizem respeito à produção textual, na sua estrutura, nos aspectos ortográficos, sintáticos e semânticos.

Assim surgiu o tema desta pesquisa, os bilhetes escolares, buscando verificar se essa troca de bilhetes ocorrida em sala de aula, entre a professora e os alunos, pode se configurar como um recurso pedagógico capaz de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de língua. Este trabalho se desenvolverá objetivando refletir sobre as possíveis marcas de aprendizagens, afetos e emoções impressas nos referidos bilhetes, analisando se a troca de bilhetes favorece um ambiente propício à aprendizagem, podendo ser considerado como um facilitador do processo de ensino-aprendizagem no campo da linguagem. Procuro, desse modo, pensar a utilização dos bilhetes escolares como instrumento pedagógico nas práticas de ensino.

### **2.3 Material empírico e metodologia de pesquisa**

O foco de análise desta pesquisa, como explicitado anteriormente, são bilhetes escolares elaborados espontaneamente pelos alunos de uma turma de quarto ano, com as mais variadas mensagens: carinho, agradecimentos, cobranças, pedidos de desculpas, felicitações etc.

Como destinatária dos bilhetes recebidos de meus alunos, dialogando com eles, refletindo sobre eles, foram surgindo perguntas, como: estes bilhetes não poderiam ser recursos valiosos para nós, professores de Língua Portuguesa, que tanto nos queixamos de que “os alunos não gostam de escrever, não sabem escrever, não querem escrever”? Assumi, então, como problema de pesquisa, refletir se os bilhetes escolares de escrita espontânea funcionaram ou não como facilitadores no processo de ensino-aprendizagem de meus alunos e se podem ser considerados como instrumento pedagógico.

Este trabalho utiliza como aporte teórico metodológico os pressupostos da abordagem qualitativa de investigação em educação. O tipo de pesquisa é documental, pois esta consiste, segundo Godoy (1995), “no exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares”. O estudo em questão possui uma temática que se insere no campo dos estudos

linguísticos, mais precisamente dos estudos sobre a escrita de textos do gênero bilhete e dos recursos linguísticos utilizados por seus escritores (os alunos).

Para a coleta de dados, utilizei as produções textuais, ou seja, os bilhetes recebidos de meus alunos durante a prática do estágio docente.

Este trabalho foi realizado respeitando os preceitos éticos da pesquisa acadêmica. Dessa forma, os dados obtidos junto ao estabelecimento de ensino estão sob sigilo ético, não sendo mencionados nem o nome da escola, nem o nome dos alunos envolvidos na pesquisa. Por isso foram usados nomes fictícios na identificação dos bilhetes, e os nomes originais dos remetentes foram apagados. Abaixo da figura de cada bilhete, aqui apresentada para análise, constará a transcrição do texto do mesmo, para melhor entendimento do leitor. Entretanto será mantida a escrita original da criança, por ser esta de suma importância para as análises.

As categorias escolhidas para análise foram: domínio do gênero bilhete; recursos e hipóteses de linguagens, comunicação e expressão; e possibilidade de demonstração de afetividade através da escrita. A partir da observação desses elementos característicos, nos bilhetes, será feita uma análise sobre os resultados obtidos, por meio da reflexão que os estudos teóricos me permitiram.

Recebi de meus alunos 106 bilhetinhos, confeccionados de maneira espontânea. Foram selecionados para análise os bilhetes de cinco alunos, um para cada categoria. Como são três as categorias em estudo, totalizaram 15. Escolhi esses alunos porque foram, dentre os remetentes dos bilhetinhos, os que o fizeram com mais frequência e em maior quantidade. Os bilhetes foram organizados conforme o quadro abaixo.

Quadro 1 – Categorias de estudo dos bilhetes recebidos

<b>Categoria</b>	<b>Manifestação recorrente</b>	<b>Número de bilhetes analisados</b>
1	Domínio do gênero bilhete	5
2	Recursos e hipóteses de comunicação e expressão	5
3	Afetividade através da escrita	5
	TOTAL	15

Fonte: a autora (2012)

### **3 ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS E PRODUÇÃO DE TEXTOS**

Neste capítulo, convido meu leitor para refletir sobre alguns pressupostos teóricos que embasam não somente esta pesquisa, mas também meu fazer pedagógico. Um fazer que promova uma aprendizagem efetiva e prazerosa, que torne os alunos capazes de produzir e interpretar textos, tanto para suas necessidades do dia a dia quanto para ter acesso aos bens culturais e à participação plena no mundo letrado.

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) datem do ano de 1995 e sejam considerados prescritos, há neles discussões e apontamentos teóricos fundamentais para o ensino da língua, ainda não incorporados em boa parte de nossas escolas e por um número grande de professores/as. Segundo os PCN da Língua Portuguesa (1997), a escola é o espaço de interação social onde as práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino e a aprendizagem. Portanto é através da linguagem que ideias, pensamentos e intenções são expressas, estabelecendo-se relações interpessoais anteriormente inexistentes, podendo-se influenciar o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade, bem como o rumo de suas (re)ações. Assim, quanto mais variados, interessantes e divertidos forem os textos que apresentarmos às crianças, maior será a chance de elas se tornarem boas leitoras e escritoras. Se na sala de aula só entrarem aqueles textos escritos explicitamente para ensinar a ler, que despertam pouca atenção nos alunos, eles se desinteressarão e terão dificuldade em aprender.

Foi considerando a leitura e a produção de textos como um dos conteúdos mais importantes das aulas de linguagem que busquei desenvolver no meu estágio curricular, em sala de aula, um trabalho que oportunizasse as crianças a desenvolverem o gosto pela escrita e o prazer em escrever. O trabalho com leitura e produção de textos teve como finalidade formar escritores mais preparados para produzir textos coerentes, coesos, de acordo, é claro, com as limitações e as imposições de seu ano de estudo. Dentre os muitos textos produzidos pelos meus alunos, em sala de aula, destacou-se o bilhete escolar.

Entendendo o sentido de texto do mesmo modo que Kaufman e Rodríguez (1995, p. 145), ou seja, “qualquer passagem falada ou escrita de qualquer extensão,

que funciona como um todo coerente”, como “produto da atividade verbal humana”, não podemos deixar de ver o bilhete como um gênero de texto. É possível, portanto, configurá-los como “uma unidade semântica, de caráter social, que se estrutura mediante um conjunto de regras combinatórias de elementos textuais e oracionais, para manifestar a intenção comunicativa do emissor” (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 1995, p. 145).

Enquanto os tipos de texto são limitados e geralmente se referem à forma linguística na qual ele é organizado (dissertação, narração, descrição, argumentação), são inúmeros os gêneros textuais que circundam o cotidiano escolar: conto de fadas, quadrinhos, parlendas, bilhetes, contos de humor, piadas, cartas, charges, canções, palestras, convites, recados, crônicas, notícias etc. Segundo Drey e Silveira (2010, p. 109), “os professores atuam como mediadores entre o aluno e as características de cada gênero, oportunizando que estes percebam as diferenças e peculiaridades dos diversos gêneros de textos existentes”. Portanto um texto não se define por sua extensão. O nome que assina um desenho, a lista do que deve ser comprado, um conto ou um romance, todos são textos. Sob essa ótica podemos considerar que os bilhetes escolares são textos produzidos pelos alunos.

Vemos em Kaufman e Rodríguez (1995, p. 37) que “as pessoas devem aproveitar todas as alternativas de comunicação de que podem dispor”. Durante o período do meu estágio curricular, pude vislumbrar as crianças fazendo uso do bilhete como uma estratégia de comunicação e um exercício de aprendizagem, já que produzir um texto escrito envolve várias atitudes, como decidir o que se vai escrever, a forma adequada de fazê-lo, tentar uma primeira vez, ler, corrigir, reescrever (se preciso), reorganizando o conteúdo e a forma.

Os textos, enquanto unidades comunicativas, manifestam as diferentes intenções do emissor, procurando informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir estados de ânimo, entre outras. Em correspondência a essas intenções, é possível categorizar os textos levando em conta a função da linguagem que neles predomina: função informativa, função literária, função apelativa e função expressiva. Os bilhetes produzidos pelos alunos cumpriam a função expressiva, como apresentarei nas análises.

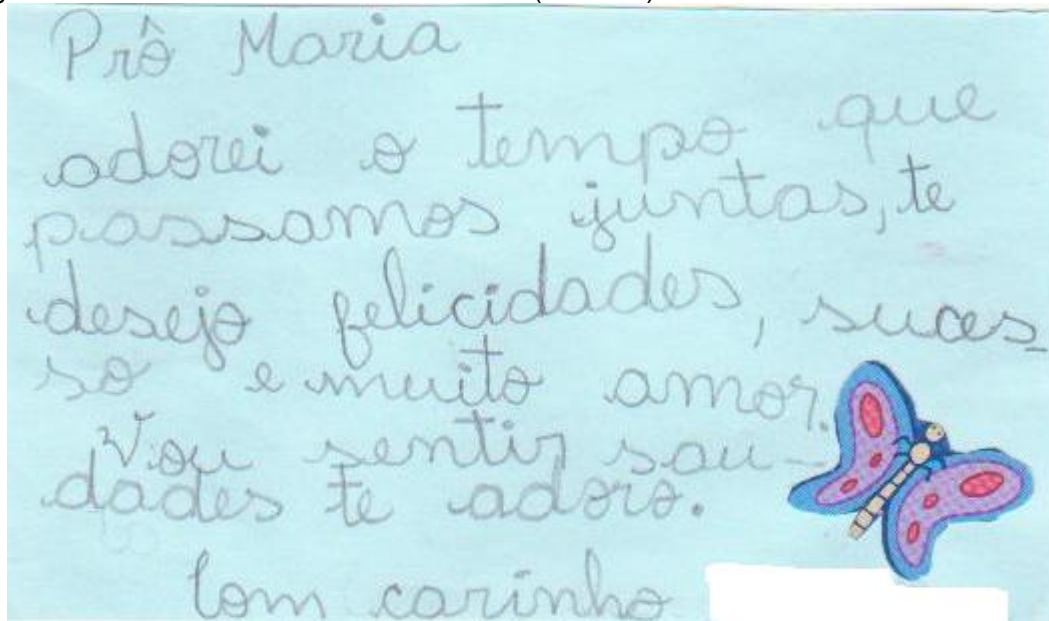
Conforme Kaufman e Rodríguez (1995), podemos classificar na categoria de textos informativos diferentes tipos de textos, como notícias de jornal, relatos

históricos, monografias sobre diversos temas, artigos editoriais, notas de enciclopédias etc., que procuram, prioritariamente, transmitir informações. Entre os textos literários, situaríamos contos, lendas, mitos, novelas, poemas, obras de teatro e outros, que se ajustam, em sua construção, a determinados padrões estéticos. Como apelativos, podemos classificar as diferentes classes de texto que se propõem a modificar o comportamento dos leitores, como receitas de cozinha, manuais de instruções, anúncios publicitários etc. E, entre os expressivos, categorizaríamos aqueles textos que manifestam a subjetividade do emissor, como cartas fraternas, declarações de amor, diários íntimos, bilhetes e outros.

Preparar os alunos para interagirem eficientemente, lendo, ouvindo, produzindo com esses diferentes textos é um objetivo que se considera consensual na educação contemporânea. E foi essa a minha intenção ao trabalhar com diferentes textos em sala de aula. Partindo dessa análise, inicia-se a percepção da importância das diferenças de linguagens, que é fundamental para a leitura, a compreensão e a reflexão dos textos no meio em que circulam. E é através da leitura e da escrita dos diferentes tipos e gêneros de textos que se ampliam os conhecimentos de cada indivíduo, visando a um ensino menos estático e mais qualificado.

Dentre esses variados tipos e gêneros, encontramos, nos estudos de Kaufman e Rodríguez (1995), os textos epistolares, que procuram estabelecer uma comunicação por escrito com um destinatário ausente, identificado no texto através do cabeçalho, podendo tratar-se de um indivíduo ou um conjunto de indivíduos. Denominados carta, bilhete, convite ou solicitação, dependendo de suas características textuais, apresentam uma estrutura composta de cabeçalho, que estabelece o lugar e o tempo da produção; dados do destinatário e a forma de tratamento empregada para estabelecer o contato; corpo, parte do texto em que se desenvolve a mensagem; e despedida, que inclui a saudação e a assinatura, através da qual se introduz o autor do texto, elementos que podem ser destacados no bilhete abaixo.

Figura 1 – Bilhete recebido da aluna Bruna (10 anos)



Fonte: dados da pesquisa.

Nesses textos, o grau de familiaridade existente entre emissor e destinatário é o princípio que orienta a escolha do estilo. Opta-se por um estilo informal se o texto é dirigido a um familiar ou a um amigo, porém se o destinatário é desconhecido ou ocupa o nível superior em uma relação assimétrica (empregador em relação ao empregado, diretor em relação ao aluno etc.), utiliza-se o estilo formal.

As cartas/bilhetes são textos de uso prático e muito frequentes no cotidiano escolar. As crianças, naturalmente, pela experiência social dessa prática, usam essa forma de interação com as pessoas à sua volta, escrevendo, mandando recados, interagindo por escrito com diferentes interlocutores. Embora as cartas escapem ao recorte desta pesquisa, considero importante abordá-las, pois o bilhete não deixa de ser uma espécie de carta, porém informal e breve.

Kaufman e Rodríguez (1995, p. 37) consideram que as cartas “podem ser construídas com diferentes tramas (narrativa e argumentativa), em torno das diferentes funções da linguagem (informativa, expressiva e apelativa)”. Essas cartas (em particular, as cartas familiares e amistosas), segundo as autoras, contêm acontecimentos, sentimentos, emoções experimentadas por um emissor/remetente que percebe o receptor como um destinatário comprometido afetivamente nessa situação de comunicação e, portanto, capaz de extrair a dimensão expressiva da mensagem.

Ainda segundo as autoras, vemos que, por se tratar de um diálogo a distância, com um receptor conhecido, utiliza-se de um estilo espontâneo e informal, deixando transparecer marcas da oralidade, como: frases inconclusas, nas quais as reticências habilitam múltiplas interpretações do receptor na tentativa de concluí-las; perguntas que procuram suas respostas nos destinatários; perguntas que encerram em si suas próprias respostas; e pontos de exclamação, que expressam a ênfase que o emissor dá a determinadas expressões que refletem suas alegrias, suas preocupações, suas dúvidas.

Terra e Nicola (2004) consideram o bilhete como a mais informal dentre as opções de escrita que têm por objetivo informar, sendo utilizado para pequenas mensagens escritas. Segundo os autores, esse tipo de texto tem como características a pequena extensão e o fato de ser escrito em linguagem informal, predominantemente coloquial, permitindo até o emprego de apelido para o destinatário ou para o emissor, sem preocupação extrema com as regras gramaticais da língua. Geralmente, é usado para mensagens rápidas, urgentes e convenientes, tratando de assuntos que não necessitam de sigilo, uma vez que normalmente não é nem colocado em envelopes.

A possibilidade de se comunicar por escrito através de bilhetes faz parte do cotidiano de interação através da linguagem que as crianças vivenciam. Hoje isso tem se tornado mais intensificado, uma vez que, com os e-mails e as redes sociais, sofremos o abandono da carta escrita e enviada por correio. Porém, ao mesmo tempo, segundo alguns pesquisadores como Sarmiento (2008) e Marcuschi (2000), nunca se escreveu tanto e se comunicou tanto via bilhetes como nos dias atuais.

Desde cedo, principalmente nos dias de hoje, as crianças percebem que as pessoas também interagem por escrito. Assim, procuram experimentar este feito: escrever para, também, dizer algo ao outro através do bilhete, seja ele virtual ou não. Expandindo para o universo escolar a escrita de bilhetes que ensaia no ambiente familiar, a criança começa a ofertar desenhos e mensagens escritas à professora e aos colegas, estabelecendo, assim, um contato mais estreito e afetivo.

Quando interagimos através da linguagem [...], temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter determinadas reações (verbais ou não verbais). (KOCH, 1997, p. 29).

O propósito de escrita de um bilhete varia, assim como variam as intenções dos diferentes modos de dizer em qualquer interação. Estamos sempre realizando seqüências de atos de fala nas interações através da linguagem, mesmo que seja com a finalidade única de manter contato, estar junto para falar acerca de nada específico, mas mostrar, dizer o quanto valoriza aquele instante. São, portanto, escritas marcadas mais pelo envolvimento do que pela informação.

Um dos fascínios da escrita é justamente a possibilidade de exteriorizarmos e perpetuarmos as nossas impressões sobre o mundo que nos cerca, em especial sobre as pessoas. Quando entramos no mundo textual, portas e papéis se abrem para nós. E a criança percebe isso quando se vê descobrindo e redescobrando a leitura e a escrita. Assim, papéis coloridos misturando desenhos e escrita tornam-se os porta-vozes deles. O destinatário: professores, pais, avós, Papai Noel, Papai do Céu... ou um(a) amiguinho(a).

Gagné (1980, p. 2) aponta que “aos professores cabe a tarefa de promover a aprendizagem, ministrando a instrução” e que “a palavra instrução pode ser definida como o conjunto de eventos planejados para iniciar, ativar e manter a aprendizagem do aluno”. Para Netto (1987, p. 9), encontramos a definição de aprendizagem como “um processo complexo que envolve muitas variáveis que se combinam de diversos modos e está sujeita à influência de fatores internos e externos, individuais e sociais”. O autor também afirma:

Ensino é essencialmente uma relação de ajuda ou de auxílio interpessoal, na qual alguém que dispõe de mais experiência e mais conhecimentos influencia outras pessoas de várias maneiras: leciona, orienta, mostra, explica, demonstra, exemplifica, pergunta, responde, estimula, corrige, dirige debates, supervisiona, esclarece, prepara, propõe e acompanha atividades, incentiva e guia quem aprende quanto ao uso adequado de materiais e recursos, facilita a compreensão e o desempenho adequados, fornece os preceitos ou fundamentos de uma ciência, técnica, arte ou habilidade. (ibidem, p. 8).

Assim, vemos que no processo de ensino-aprendizagem lança-se mão de variados materiais e recursos para que o aluno aprenda. Portanto o trabalho com textos em sala de aula, analisando as suas particularidades e os seus objetivos, é muito importante para despertar no aluno o interesse pelos vários tipos de textos e linguagens. Ao trazer os textos para a realidade, fazendo um trabalho significativamente mais dinâmico, o professor busca motivar seus alunos para a leitura e, conseqüentemente, para a escrita. Com essa motivação, colabora para o desenvolvimento da criatividade. Assim sendo, nos perguntamos se podemos usar bilhetes escolares para estimular nossos alunos à produção textual.



Para despertar nas crianças o prazer de escrever não é necessário nenhum material raríssimo, nenhuma situação extravagante que não possa ser encontrada ou criada, inclusive na escola mais carente. É necessário, sim, que ousemos dar a palavra às crianças e escutá-las, que nos empenhemos em compreender seu contexto cultural e que estejamos dispostos e preparados teoricamente para identificar seus avanços. (MUNARI, 1998, p. 40).

Assim, quanto mais favoráveis forem as situações contextuais e didáticas oferecidas aos alunos, mais eles conseguirão produzir. É perceptível a grande área de atuação dos gêneros textuais no contexto histórico atual, pois hoje vivemos em uma época de emergência de novos gêneros, como os gêneros digitais e os ligados ao cotidiano, como o bilhete, que apesar de toda a tecnologia em voga, continua presente na sala de aula. A ideia expressa no papel está circundada por normas gramaticais, produção textual, mecanismos que poderiam ser explorados pelo professor de forma mais contextualizada. O texto presente em um bilhete escrito por um aluno no meio da aula pode ser avaliado pelo professor, debatendo ali um assunto gramatical, a grafia das palavras, o contexto e até mesmo a interpretação, tornando a aula bem mais proveitosa, despertando no educando a vontade de ler para escrever melhor.

Em virtude da relevância dos gêneros textuais em seus mais diversos usos e funções sociais, e levando-se em conta que uma aula de Língua Portuguesa pode abranger uma dinâmica mais reflexiva e mais aberta a cada contexto social que a envolve, pode-se fazer uso de exemplos práticos do cotidiano, como os bilhetes escritos pelos alunos, para ampliar a construção de novas formas de conhecimento e expressividade.

Assim sendo, um professor pode trabalhar as tipologias textuais – descrição, narração e dissertação – como partes integrantes dos gêneros. No bilhete, por exemplo, podem ser analisadas e exploradas as estruturas gramaticais, mas de forma a trazer um ensino inovador, que possibilite ao aluno uma interação significativa com o texto, com as relações que o envolvem, além de contribuir para o enriquecimento das habilidades textuais, pois através destas o aluno terá um maior desempenho na leitura e na escrita.

## 4 BILHETES EM ANÁLISE

Neste capítulo, faço uma análise do que é recorrente nos bilhetes escolhidos para o estudo, dividindo-os em três categorias, de acordo com as marcas mais evidentes: Categoria 1 – Domínio do gênero bilhete; Categoria 2 – Recursos e hipóteses de comunicação e expressão; e Categoria 3 – Afetividade através da escrita. Mostro os textos estudados e minhas leituras a partir deles, sempre procurando relacionar os aspectos teóricos com os indícios dos recursos linguísticos visualizados nessas produções.

Segundo Geraldi (1991, p. 100), “o que destina um texto é a sua leitura pelo outro”. Na análise dos bilhetes, foi possível entrever um leque de temáticas que neles circulam. Os remetentes, os alunos, de acordo com suas motivações, diversificaram suas abordagens, porém a mensagem predominante enviada à destinatária – a professora – foi o carinho e a gratidão pelos seus ensinamentos.

### 4.1 Categoria 1 – Domínio do gênero bilhete

Nesta categoria, exponho cinco dos bilhetes recebidos, escolhidos para esta análise, que procura identificar o conhecimento que os alunos/remetentes têm sobre esse gênero de texto, através dos elementos característicos utilizados.

O primeiro bilhete (figura 2) foi recebido durante a troca de mensagens do amigo secreto, em comemoração ao Dia da Criança, uma vez que ela era a minha amiga secreta<sup>1</sup>. O segundo, o terceiro e o quarto bilhete (figuras 3, 4 e 5) foram recebidos durante o desenvolvimento do projeto *Correio da Primavera*, que deu continuidade à troca de mensagens iniciada no referido amigo secreto. O quinto bilhete (figura 6) foi recebido durante o desenvolvimento do projeto *Gentileza gera gentileza*, que marcou o início da troca de mensagens.

Não podemos analisar a forma como os alunos interagem com esse gênero de texto sem falarmos em linguagem. Cabe, portanto, explicitar as relações entre língua escrita e língua falada, ressaltando-se as conexões que se estabelecem entre ambas as formas de linguagem, bem como discorrer sobre a separação entre elas. Alguns linguistas, aos quais me filio, rejeitam a dicotomia e a hierarquização que,

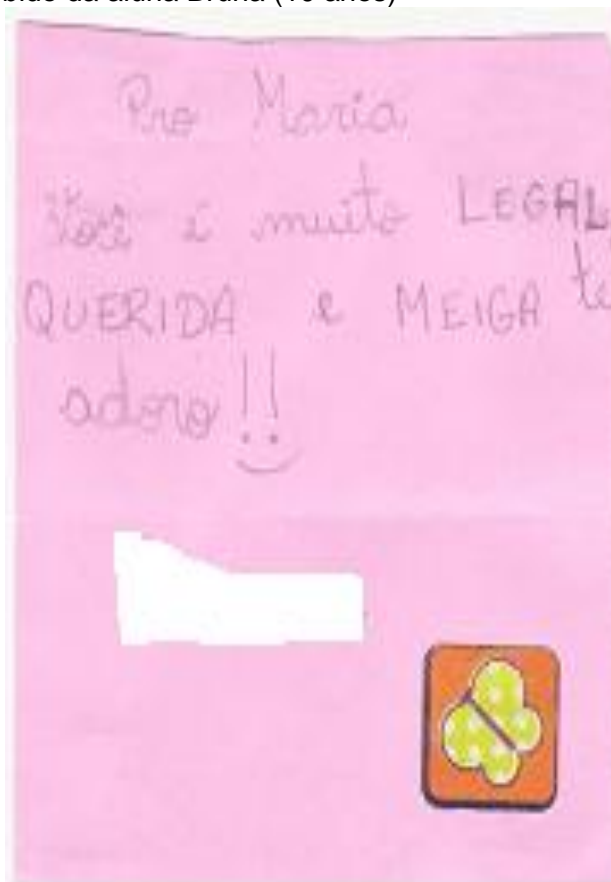
---

<sup>1</sup> As figuras serão apresentadas no texto, à medida que forem aparecendo na análise.

geralmente, se estabelece entre língua falada e escrita. De acordo com Marcuschi (2005, p. 28), “a perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua”.

Trata-se de uma visão a ser rejeitada, pois tanto a língua escrita quanto a língua falada pertencem a um mesmo sistema linguístico, possuindo um determinado fim comunicativo. Ambas apresentam-se sob variadas formas e em diferentes gêneros textuais, e irão depender da situação sociocomunicativa na qual o falante/escritor está inserido e de suas intenções. As proximidades entre língua escrita e língua falada são tão estreitas que parece existir, em determinados casos, uma mescla entre elas, podendo ocorrer tanto nas estratégias textuais quanto nas situações de sua realização. Um bilhete escrito em um estilo informal, por exemplo, pode ser comparado a uma narrativa oral espontânea. Veja-se como a maioria das crianças se refere à professora como “Prô Maria”.

Figura 2 – Bilhete recebido da aluna Bruna (10 anos)



Legenda: “Prô Maria você é muito LEGAL, QUERIDA e MEIGA te adoro!!”  
Fonte: dados da pesquisa.

Figura 3 – Bilhete recebido da aluna Laura (10 anos)



Legenda: “PRÔ MARIA, VOCÊ É ESPECIAL PARA MIM. TE ADORO E AGRADEÇO PELOS TEUS ENSINAMENTOS E POR TUDO. MUITO OBRIGADO!”

Fonte: dados da pesquisa.

Geraldi (1991) pontua que as escolhas linguísticas são consequências do que os textos pretendem dizer ou fazer, ou seja, o que dizer, para quem dizer e quais as estratégias do dizer. Nos bilhetes de Bruna (figura 2) e Laura (figura 3), apresentados acima, encontramos pequenas mensagens, escritas num estilo espontâneo e informal, nas quais as alunas fazem uso de uma linguagem simples, com frases curtas e diretas, utilizando-se também de ilustrações para transmitir sua mensagem.

Língua escrita e língua falada, por outro lado, apresentam diferenças, uma vez que divergem em suas maneiras de aquisição, produção, transmissão, recepção e uso, bem como os meios nos quais os elementos de sua estrutura se articulam. A língua falada, segundo Fávero (2005), é o resultado da construção conjunta de pelo menos um falante em contato com um ouvinte, e o seu planejamento se realiza localmente e de maneira simultânea à produção. Mas apesar de utilizarem uma escrita mais informal, como vemos nos bilhetes apresentados nas figuras 4 e 5, há

uma nítida preocupação dos alunos com elementos característicos do texto escrito e, em alguns momentos, até certa formalidade na redação, como nas expressões “resolvi homenageá-la” (figura 4) e “agradeço pelos teus ensinamentos” (figura 3). Tal tentativa de escrita parece evidenciar o cuidado com o texto escrito de acordo com as normas.

Figura 4 – Bilhete recebido do aluno Adair (10 anos)

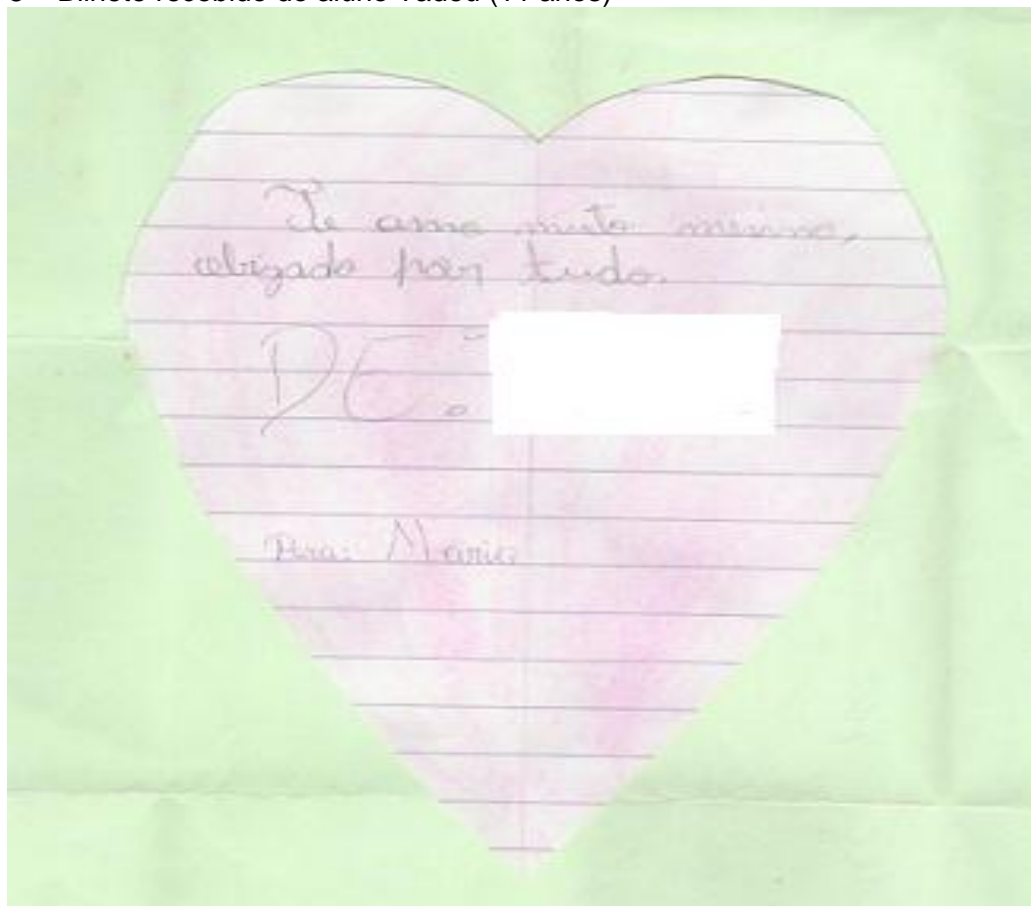


Legenda: “Minha querida professora Adorei conhecer você Resolvi homenageá-la com um Imenso Abraço”

Fonte: dados da pesquisa.

Outro aspecto a ser observado é aquele relacionado aos fatores de textualidade (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade), já que orientam as escolhas linguísticas feitas pelo locutor (falante ou escritor), no momento da produção textual.

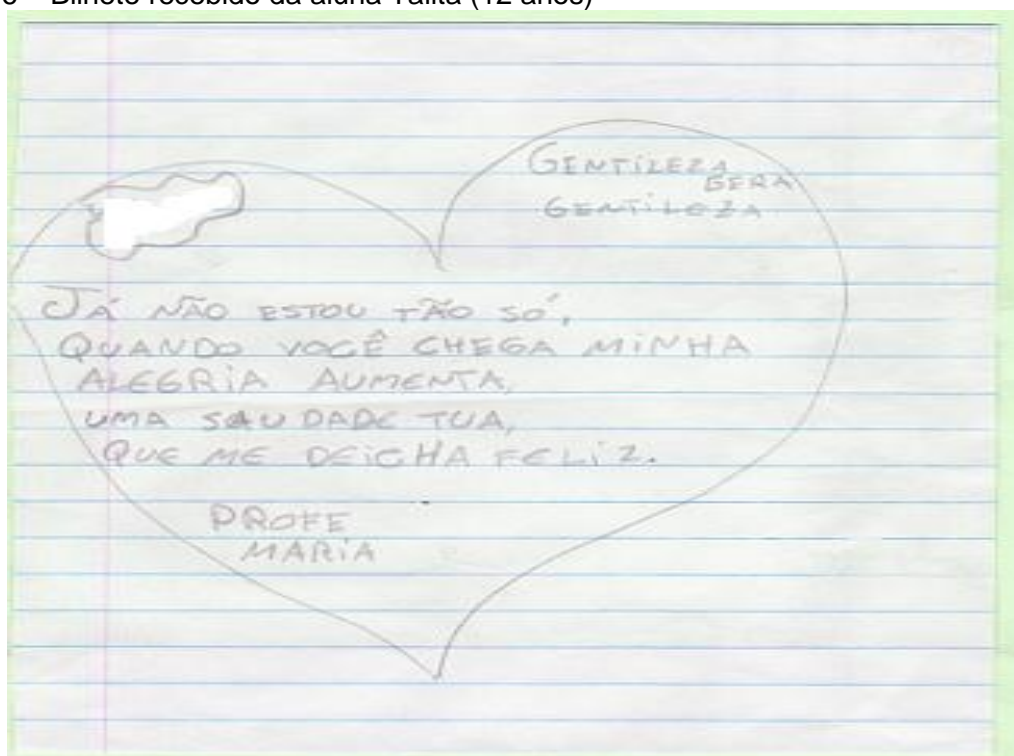
Figura 5 – Bilhete recebido do aluno Tadeu (11 anos)



Legenda: "TE amo muito mesmo, obrigado por tudo. DE: \_\_\_\_\_ Para: Maria"  
Fonte: dados da pesquisa.

Analisando os inícios e os finais dos bilhetes, encontramos várias formas de estruturação. As alunas Bruna e Laura (figuras 2 e 3) situaram o destinatário (Prô Maria) no início, concluindo com a assinatura do remetente, seguindo as normas. Os alunos Tadeu e Talita (figuras 5 e 6), de forma intencional ou não, trocaram as posições, colocando primeiro o nome do remetente e depois o do destinatário, para simplesmente colocar em posições diferentes ou porque não sabiam a posição certa do remetente e do destinatário, ou talvez ainda porque acharam que essa posição não fazia diferença dentro do gênero. Já o aluno Adair (figura 4) situou o destinatário na letra inicial de um acróstico.

Figura 6 – Bilhete recebido da aluna Talita (12 anos)



Legenda: “GENTILEZA GERA GENTILEZA JÁ NÃO ESTOU TÃO SÓ, QUANDO VOCÊ CHEGA MINHA ALEGRIA AUMENTA, UMA SAUDADE TUA, QUE ME DEICHA FELIZ. PROFE MARIA”

Fonte: dados da pesquisa.

Na maioria dos bilhetes, houve um fechamento direto pelo nome do remetente (a assinatura), entretanto na figura 4 fez-se presente a *saudação* (Abraço), antes da assinatura. De acordo com Kaufman e Rodríguez (1995, p. 37), as cartas e os bilhetes “apresentam uma estrutura composta de cabeçalho [...] e despedida, que inclui a saudação e a assinatura, através da qual se introduz o autor do texto”. Nenhum aluno se preocupou ou se lembrou de datar sua mensagem.

#### 4.2 Categoria 2 – Recursos e hipóteses de comunicação e expressão

Nesta categoria, apresento cinco dos bilhetes recebidos, escolhidos para esta análise, que procurará identificar os recursos comunicativos e expressivos utilizados pelos alunos na produção de seus textos.

O primeiro bilhete (figura 7) desta categoria foi recebido durante a troca de mensagens do amigo secreto, em comemoração ao Dia da Criança. O segundo bilhete (figura 8) e o quinto (figura 11) foram recebidos durante o desenvolvimento do projeto *Gentileza gera gentileza*, que marcou o início da troca de mensagens. O

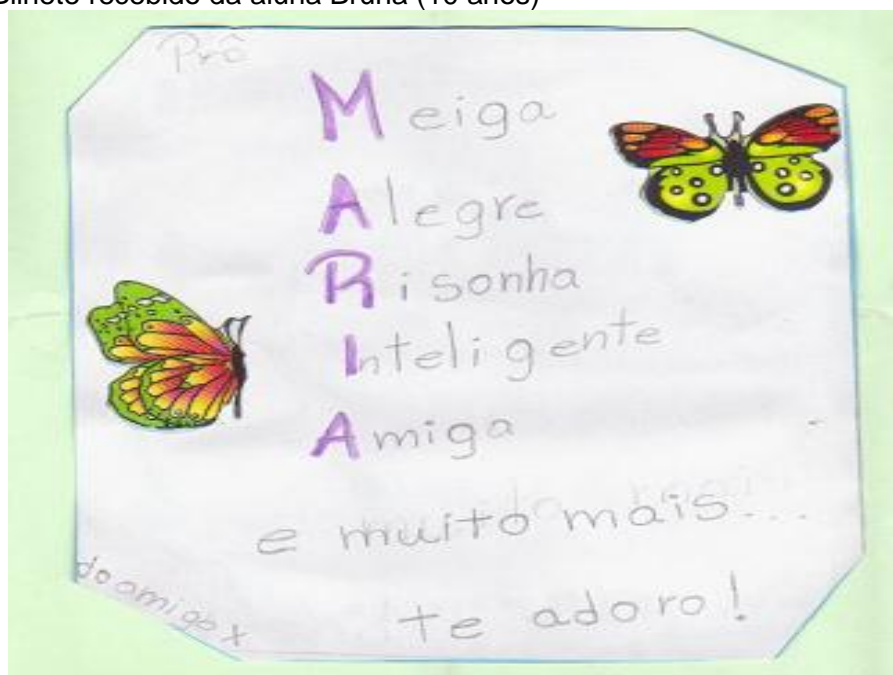
terceiro e o quarto (figuras 9 e 10) foram recebidos durante o desenvolvimento do projeto *Correio da Primavera*.

Antes de tecer algumas considerações referentes à comunicação e à expressão, faz-se necessário entender o significado etimológico de cada palavra em questão. Segundo a definição do minidicionário Luft (2005), do latim *expressione*, o substantivo feminino expressão é a ação ou efeito de exprimir (-se); enunciação de pensamento por meio de palavra escrita ou falada; locução; frase; viveza; expressividade; manifestação (de pensamento, sentimento etc.) por meio de gestos ou atitudes. Já o substantivo feminino comunicação, do latim *communicare*, é o ato ou efeito de comunicar (-se); passagem; informação; mensagem. Ponderadas tais definições, é possível observar e diagnosticar quantos significados se dá à mesma palavra ou expressão, seja isoladamente ou numa estrutura de texto.

Comunicação é o processo de troca de informações entre um emissor e um receptor. Um dos aspectos que podem interferir nesse processo é o código a ser utilizado, que deve ser entendível para ambos. Como o ato de escrever é um processo contínuo, cada elemento novo percebido no mundo exige uma palavra correspondente. Cada leitura nos enriquece de novas possibilidades de expressão. Deseja-se, então, transformar em palavras essa visão. A cada nova emoção sentida, colocar no texto essa sensibilidade. A cada alçar de voo de nossa imaginação, criar uma estória. E a cada novo pensar, a cada nova descoberta, perpetuar nosso pensamento no papel.



Figura 7 – Bilhete recebido da aluna Bruna (10 anos)



Legenda: “Prô MARIA, Meiga, Alegre, Risonha, Inteligente, Amiga e muito mais... Te adoro! do amigo X”

Fonte: dados da pesquisa.

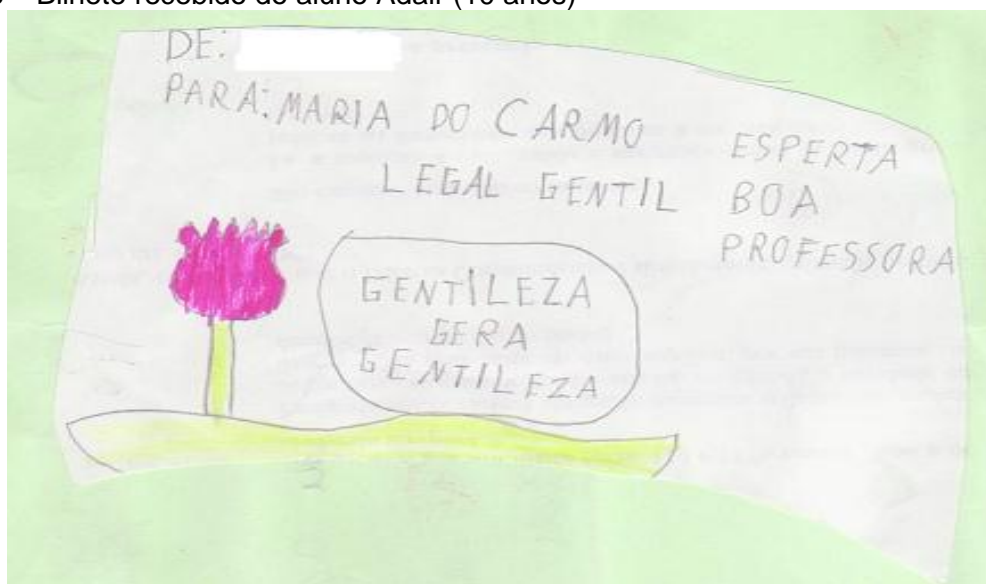
No texto da figura 7, a aluna, de forma muito criativa, mediante o recurso do acróstico (trabalhado em sala de aula), para construir seu texto fez uso de letras de forma, minúsculas e maiúsculas, adjetivos para expressar seus sentimentos, imagens coloridas e decorativas, cor aplicada nas letras iniciais para destaque e trabalhado no formato do bilhete, buscando assim expressar sua afetividade para com a professora. Utilizou também um código secreto (amigo x), uma vez que participava de uma brincadeira de amigo secreto.

Viver numa sociedade é participar de um universo repleto de símbolos e sinais, pois a vida social está permeada dos mais variados tipos de códigos. Alguns são universais, outros dependem da cultura particular de determinado povo. Quando esses sinais se organizam formando um sistema, eles passam a constituir uma linguagem. A linguagem é a expressão máxima da capacidade de criar e usar símbolos que, dependendo do lugar de nascimento, da cultura que herda e da língua que fala, adquire uma maneira particular de expressar e comunicar entre seus pares.

Em autores como Brandão (1997) e Schneuwly (2004), vemos que, quando se fala em texto ou linguagem, normalmente se pensa em linguagens verbais, ou seja, naquela capacidade humana ligada ao pensamento que se concretiza numa determinada língua e se manifesta por palavras (*verbum*, em latim). Mas, além

dessa, há outras formas de linguagem, como a pintura, a mímica, a dança, a música, o desenho e outras mais. Com efeito, por meio dessas atividades, o ser humano também representa o mundo, exprime seu pensamento, comunica-se e influencia os outros. Tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal expressam sentidos e, para isso, utilizam-se de signos, com a diferença de que, na primeira, os signos são constituídos dos sons da língua (por exemplo, mesa, fada, árvore), ao passo que nas outras se exploram outros signos, como as formas, a cor, os gestos, os sons musicais etc. Em todos os tipos de linguagem, os signos são combinados entre si, de acordo com certas leis, obedecendo a mecanismos de organização.

Figura 8 – Bilhete recebido do aluno Adair (10 anos)



Legenda: “DE: \_\_\_\_\_ PARA: MARIA DO CARMO LEGAL GENTIL ESPERTA BOA PROFESSORA – GENTILEZA GERA GENTILEZA”

Fonte: dados da pesquisa.

No texto do bilhete do aluno Adair (figura 8), foi utilizada a linguagem escrita e visual. Na linguagem escrita, o aluno utilizou-se do código alfabético, em letras maiúsculas, expressando seus sentimentos em adjetivos. Na linguagem visual, usou desenhos e jogos de cores. Assim, combinando os signos entre si, procurou organizar seu texto, comunicando, exprimindo seus pensamentos, fazendo um elo com o projeto trabalhado em sala de aula (*Gentileza gera gentileza*), expondo suas aprendizagens e seu afeto pela professora.

A linguagem nos releva a nós mesmos e aos outros. Escrevemos baseados na nossa experiência de vida em casa, na escola, no clube, na rua, no nosso convívio com o mundo e com as pessoas. Escrevemos com base no que vemos no

cinema e na televisão, nos jornais e nas revistas, nos livros e nos cartazes; em todos os meios de comunicação. Escrevemos a partir das informações que recebemos em todos os campos do conhecimento. Todavia importa-nos que essas informações e impressões sejam assimiladas e devolvidas para o mundo, transformadas pela nossa experiência.

Assim, numa mesma comunidade que utiliza um único código – a língua portuguesa, por exemplo –, podemos reconhecer vários níveis e formas de expressão. De maneira geral, podemos distinguir o padrão coloquial do padrão formal culto. Conforme Fávero (2000), o padrão formal culto é a modalidade de linguagem que deve ser utilizada em situações que exigem maior formalidade, tendo sempre em conta o contexto e o interlocutor. Caracteriza-se pela seleção e combinação das palavras, pela adequação a um conjunto de normas, entre elas, a concordância, a regência, a pontuação, o emprego correto das palavras quanto ao significado, a organização das orações e dos períodos, as relações entre termos, orações, períodos e parágrafos. Já o padrão coloquial faz referência à utilização da linguagem em contextos informais, íntimos e familiares, que permitem maior liberdade de expressão. Esse padrão mais informal também é encontrado em propagandas, programas de televisão ou de rádio etc. É esse padrão informal, íntimo, sem maiores formalidades, que encontramos nos bilhetes, exatamente por se tratarem de textos com pouca extensão, expressando sentimentos, sensações, emoções, informações, recados, desejos.

Jolibert (1994) constata que os objetivos com que escrevemos um texto podem ser bastante variados, tendo em vista sua finalidade e que para isso utilizamos as funções da linguagem. Quando a finalidade é apenas informar o receptor sobre um fato ocorrido e a linguagem é objetiva, não admitindo mais de uma interpretação, predomina a função *referencial* ou *denotativa* da linguagem. Quando se exterioriza o estado psíquico, expressando opiniões, sensações, sentimentos e emoções, predomina a função *emotiva*, também chamada de função expressiva. Se o emissor utiliza expressões que têm por objetivo iniciar, prolongar ou encerrar o contato com o receptor predomina a função *fática*. Quando o emissor tem por objetivo influir no comportamento do receptor, por meio de um apelo ou ordem, predomina a função *conativa* ou *apelativa*. São características dessa função verbos no imperativo, presença de vocativos e pronomes de segunda pessoa. Quando a mensagem visa a explicar o próprio código ou utiliza-o como assunto,

predomina a função *metalinguística* da linguagem. Já a preocupação intencional do emissor com a mensagem, ao elaborá-la de modo a ressaltar seu significado, caracteriza a função *poética* da linguagem.

É importante observar que nenhum texto apresenta apenas uma única função da linguagem. Uma função sempre predomina num texto, mas nunca é exclusiva.

Figura 9 – Bilhete recebido da aluna Laura (10 anos)



Legenda: “Te amo Profa. Maria”

Fonte: dados da pesquisa.

Podemos perceber que, em alguns casos, como no bilhete da aluna Laura (figura 9), houve a predominância do código visual ao do código escrito. Transmitiu sua mensagem ofertando uma paisagem, finalizando com um “te amo Profa. Maria”, que nem precisava ser escrito, pois já estava subentendido.

Figura 10 – Bilhete recebido do aluno Tadeu (11 anos)



Legenda: “DE: \_\_\_\_\_ Amo a lua, amo o luar, amo você em 1º Lugar. Para: Maria”  
Fonte: dados da pesquisa.

Já no texto do aluno Tadeu (figura 10), encontramos a combinação da linguagem escrita e da não escrita, a visual, numa versão da função poética da linguagem, conjugando a expressividade da imagem do coração com a mensagem

escrita. Não deixa dúvidas quanto ao sentimento comunicado numa linguagem simples, íntima, familiar.

Figura 11 – Bilhete recebido da aluna Talita (12 anos)



Legenda: “Profe Maria, foi muito bom esses 2 meses e obrigado pelo que tu me ensinaste nesse tempo nunca vou esquecer obrigado.”

Fonte: dados da pesquisa.

Também não poderíamos deixar de mencionar o bilhete da aluna Talita (figura 11), que, numa combinação de signos, tanto do código escrito (alfabeto em letra cursiva) como do visual (desenho e pintura), expressou seus sentimentos pela professora, identificando aprendizagens e vivências da sala de aula, como o projeto *Gentileza gera gentileza* e as flores do *Correio da Primavera*.

Nos textos dos bilhetes analisados nesta categoria, podemos verificar a predominância da função emotiva, também chamada expressiva, na linguagem

utilizada pelos alunos. Vemos também que a informalidade prevalece sobre a norma culta, muito embora não tenham deixado de se preocupar com alguns usos da norma como pontuação, acentuação, uso de maiúsculas e outras características da linguagem padrão. Em seus textos, os alunos apoiaram-se também na linguagem visual. Para que sua comunicação fosse mais eficiente, promovendo um entendimento da mensagem transmitida, utilizaram-se do apelo visual através de desenhos, ilustrações, imagens e acrósticos.

Outro aspecto que se evidenciou nos textos em análise e que considero digno de comentários, que diz respeito às marcas visuais, foi a utilização de folhas de diversos tipos (caderno e ofício) e cores e vários tipos de ilustrações e letras. Também fez parte da moldura e da estética dos bilhetes o uso de canetas coloridas e lápis de cor, bem como do lápis preto. Um ícone que se fez muito presente foi o desenho do coração, decorando os bilhetes, reforçando a afetividade. Além de dar beleza ao texto e atrair a atenção do destinatário, as imagens podem ter também a função de dialogar com outros elementos do texto, construindo um jogo discursivo.

### **4.3 Categoria 3 – Afetividade através da escrita**

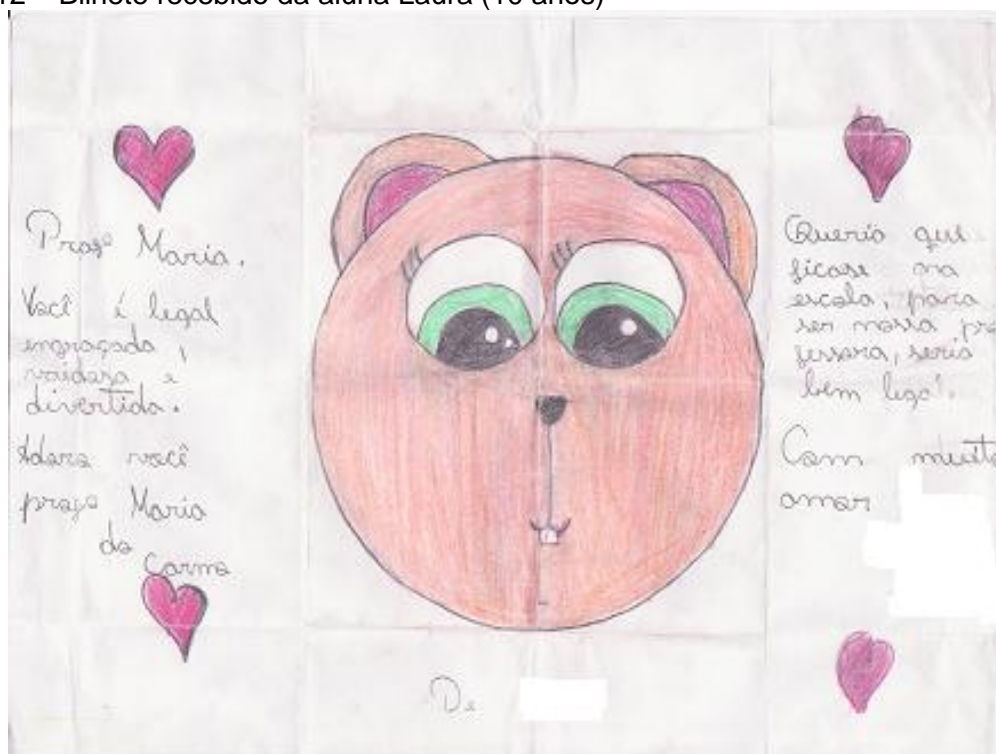
Nesta categoria, apresento cinco dos bilhetes recebidos, escolhidos para esta análise, que procurará identificar os meios utilizados pelos alunos para exprimir seus afetos através de seus textos. Os bilhetes desta categoria (figuras 12 a 16) foram recebidos durante o desenvolvimento do projeto *Correio da Primavera*.

Conforme nos diz Assman (1998, p. 33), “não há verdadeiros processos de conhecimento sem conexão com as expectativas e a vida dos aprendentes”. Isso reporta-nos a Navarro (2004), quando diz que a escola é lugar de muitas coisas, inclusive de partilha de afetos, de surpresas e de emoções:

Entendo a escola como um lugar onde se aprende, onde se compartilha o tempo, o espaço e o afeto com os demais; onde sempre haverá alguém para nos surpreender, para nos emocionar, para nos dizer na orelha algum segredo magnífico. (ibidem, p. 18).

Esta categoria reúne os bilhetes em que a criança diz basicamente “eu te amo/eu gosto de você/eu te adoro”. Neles, são expressos os sentimentos, as emoções, identificando-os no nível da relação pessoal: “queria que ficasse na escola para ser nossa professora” ou “com muito amor” (figura 12).

Figura 12 – Bilhete recebido da aluna Laura (10 anos)



Legenda: “Profa. Maria. Você é legal engraçada, vaidosa e divertida. Adoro você profa. Maria do Carmo Queria que ficasse na escola, para ser nossa professora, seria bem legal. Com muito amor De\_\_\_\_\_”

Fonte: dados da pesquisa.

Normalmente, a criança segue este roteiro: “eu gosto de você”, “você é [adjetivo]” e que “dure para sempre”. Os verbos gostar, adorar e amar, no tempo presente do indicativo, às vezes vem intensificados pelo advérbio *muito* ou na construção clichê: “eu te amo do fundo do meu coração”. Os adjetivos que mais aparecem são: “legal, engraçada, vaidosa, divertida” (figura 12), “meiga, amiga risonha, incrível, generosa, carinhosa” (figura 13), geralmente na construção, “você é”, relativo à pessoa da professora.



Figura 13 – Bilhete recebido do aluno Adair (10 anos)



Legenda: “DE: \_\_\_\_\_ GIRASSOL MEIGA-AMIGA RISONHA-INCRÍVEL GENEROSA-CARINHOSA PARA: MARIA DO CARMO”

Fonte: dados da pesquisa.

É comum também o uso de metáforas ou comparações: “você é o sol da minha vida” (figura 14).

Figura 14 – Bilhete recebido da aluna Talita (12 anos)



Legenda: “você é o sol da minha vida. Eu te amo.”

Fonte: dados da pesquisa.

Chalita (2001) aponta que a afetividade é o dinamizador do conhecimento. Assim, o trabalho que gera prazer se torna uma fonte inesgotável de busca de conhecimento, criatividade e inventividade.

Trata-se de um novo olhar de afeto, um olhar amoroso. Educação e afeto. A educação não pode ser vista como um depósito de informação. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor. (ibidem, p. 11).

Os textos produzidos nos bilhetes ora apresentam-se mais no nível pessoal – essencialmente de expressão de afeto à pessoa da professora –, ora num caráter avaliativo do trabalho pedagógico da mesma, ou ainda exprimindo desejos, vontades que eles sabem inatingíveis (figura 12), mas que fazem questão de expressar à professora, como forma de corroborar, ratificar a dimensão do seu carinho. Outras vezes, apenas ofertam: “um girassol, com amizade” (figura 15) ou uma flor “com amor” (figura 16).

Figura 15 – Bilhete recebido da aluna Bruna (10 anos)



Legenda: “QUERIDA PRÔ MARIA: UM GIRASSOL COM AMIZADE!”

Fonte: dados da pesquisa.

Figura 16 – Bilhete recebido do aluno Tadeu (11 anos)



Legenda: “De: \_\_\_\_\_ com amor. Para: Maria”  
Fonte: dados da pesquisa.

Nos bilhetes percebe-se que a presença da flor é uma recorrência, isso porque muitos foram recebidos durante o desenvolvimento do projeto *Correio da Primavera*. Assim, os alunos utilizaram-se das flores para expressar seus sentimentos.

Para Maturana (1999), cada ser particular relaciona-se com outro num processo de desenvolvimento singular, delineado nas relações sociais. Organiza seu comportamento frente às situações com as quais se depara no seu dia a dia, cujo processo realiza-se com base na natureza biológica e cultural que caracteriza o comportamento humano, constituindo, assim, a história do sujeito. O mesmo autor diz que a afetividade é o território das emoções, das paixões e dos sentimentos; a aprendizagem é o território do conhecimento, da descoberta e da atividade; e ambos organizam-se em fenômenos complexos e multideterminados, definidos por processos individuais internos que se desenvolvem através do convívio humano.

Falar de afetividade e aprendizagem, segundo Maturana, é falar da essência da vida humana que, por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, num contexto de inter-relações. Assim, a sala de aula, sendo um espaço de vivência, de convivência e de relações pedagógicas, constituído pela

diversidade e heterogeneidade de ideias, valores e crenças, torna-se o palco ideal para essas interações.

Essa fala do autor nos aponta para a necessidade que o aluno tem de ver o professor não somente como alguém que vai lhe transmitir conhecimentos e preocupado com as explicações sobre determinado conteúdo, mas como alguém que, comprometido com a ação que realiza, percebe-o como um ser importante, com quem se pode partilhar ideias e sentimentos. E essa necessidade se revela na interação revestida de significado que os alunos realizam com seus professores, através da troca de bilhetes. Os bilhetes escolares foram uma das formas que os alunos encontraram para realizar essas interações.

Se o professor, por sua vez, concebe a interação professor-aluno não a reduzindo apenas ao processo cognitivo, mas envolvendo também as dimensões afetivas e sociais, reconhece a importância do seu comprometimento com a tarefa de educar e percebe a estreita relação entre o afetivo e o cognitivo no desenvolvimento humano.

Em Derval (1988), vemos que a criança não aprende só recebendo passivamente as influências exteriores, mas quando procura ativamente os estímulos, produzindo situações de aprendizagem. Portanto seu papel na aprendizagem é completamente ativo. Para que isso aconteça, vários aspectos são importantes, como o ambiente pedagógico, o planejamento reflexivo e as próprias relações em sala de aula.

Isso também fica claro quando Navarro (2004, p. 31) diz:

O que aprendemos no grupo: aprender a saber como se é, o que significam os próprios sentimentos, como se fazer entender e como entender os outros. Aprender a escolher, a perder, a mostrar-se carinhoso, chateado, agradecido, triste. Aprender a brincar com os demais e a trabalhar, a discutir e a dançar. Aprender a sentir, a distinguir e a encaixar invejas, sentimentos negativos, enganos, caras feias ou elogios, carícias, amores. Aprender a estar sozinho e a estar com os outros já seria aprender muito tendo tão pouca idade.

Através de seus bilhetes, negociando sentidos, interagindo por escrito, a criança põe a linguagem em uso, não hesita em aprender a escrever escrevendo, pois sabe que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 1991, p. 2).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, reflito sobre os desafios que superei durante o processo de construção da escrita que ora se concretiza, pois quando o iniciei pouco conhecia sobre as teorias mais específicas que o embasaram. As leituras, as orientações e as análises realizadas foram aos poucos me possibilitando a apropriação das escolhas e dos conceitos abordados, oportunizando-me novas e grandes aprendizagens.

Através deste percurso investigativo, refleti também sobre as articulações entre a teoria e a minha prática docente. Percebi que meus planejamentos estavam embasados na formação linguística que incorporei durante minha formação nos cursos de Letras e Pedagogia. Essas articulações não embasaram somente esta pesquisa, mas seguirão comigo na minha caminhada como pedagoga.

Os bilhetes analisados nesta pesquisa revelaram que, através desse trabalho linguístico de escrever para relatar experiências, elogiar, pedir, participar de, sugerir, lembrar, os alunos agem sobre a linguagem, reconstruindo e provocando sentidos. E, através dessas experiências constitutivas, potencializadas pelos diferentes gêneros textuais, compreendem e produzem o mundo em que vivem.

Nos estudos realizados para a execução deste trabalho, vimos que a criança participa ativamente de seu processo de ensino-aprendizagem, interagindo com o ambiente pedagógico através das relações em sala de aula. Mediante essa interação com seus pares, aprende a conhecer-se, a se fazer entender e a entender os outros, a fazer escolhas e a lidar com seus sentimentos, positivos ou negativos.

As relações em sala de aula são muito importantes, pois, além de proporcionarem vínculos como confiança, amizade e cumplicidade, permitem ao professor um melhor conhecimento de seus alunos, de modo que possa motivá-los na construção do conhecimento. Destaca-se, assim, a importância do trabalho em sala de aula com os mais variados tipos e gêneros de textos, pois através deles os alunos podem refletir sobre sua escrita, formulando hipóteses, testando-as, retomando seu conhecimento prévio e, conforme a proposta, fazendo-o com prazer.

Essas produções podem ser instrumentos não só avaliativos para o professor, mas para que ele conheça seus alunos e olhe com olhos curiosos e investigativos esses escritos. Assim, ele terá mais elementos sobre o processo de aprendizagem, identificando as barreiras que os alunos ainda precisam transpor e quais as relações estabelecidas com os conhecimentos já adquiridos.

Vimos, neste contexto de escritas de bilhetes escolares, os diferentes modos pelos quais as crianças conduzem seu discurso. Utilizando-se desse gênero de texto, elas justificam, comparam, contrastam, criam versos, descrevem, narram, experimentam, constroem argumentos, lançam mão de estruturas linguísticas para mandar seu recado.

São essas expectativas e suas experiências de vida que são comunicadas pelos alunos nos seus bilhetes. E nós, professores, vamos aprendendo a ler, a responder, a interagir com os textos de nossos alunos, sejam bilhetes, cartas, poesias... Enfim, vamos aprendendo com a multifuncionalidade da linguagem, para deixá-la emergir na escola, porque ela emerge na vida.

Sendo a escola um espaço em que as crianças podem conviver e aprender a lidar com os afetos e as emoções, é fundamental que se abram as portas para esse jogo de relações, afetos e emoções que permeiam o cenário pedagógico. É isto que nos gratifica nessa profissão tão complexa e singular: o retorno que temos diariamente na convivência com o grupo, que, quanto mais o professor permitir, mais será repleto de afetos e de aprendizagens.

Maturana (1999, p. 15) diz que “Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”. A afetividade é um conceito amplo, no qual estão integradas as relações afetivas como a emoção (medo, cólera, alegria, tristeza), a paixão e o sentimento, inerentes ao processo ensino-aprendizagem. A sala de aula é um espaço social de convivência diária, onde se percebem esses movimentos que caracterizam os conflitos eu-outro e que se constituem em oportunidades de questionamentos, reflexão e conscientização. Esses movimentos – em que as interações gestadas na relação eu-outro são baseadas na importância do eu e do outro, no comprometimento e no diálogo – revelam-se nos bilhetes escolares.

Assim, os bilhetes escolares nos fazem refletir melhor sobre a importância dos afetos circunscritos ao dia a dia da sala de aula e que a autoestima de nossos alunos precisa realmente de uma atenção especial, como parte contribuinte para a construção da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1991.
- BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (PCN: LP). Ministério da Educação: Brasília: 1997.
- CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.
- DERVAL, Juan. **Crescer e pensar**: a construção do conhecimento na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- DREY, Rafaela Fetzner; SILVEIRA, Rosa Maria H. Gêneros textuais nos anos iniciais. In: DALLA ZEN, Maria Isabel H.; XAVIER, Maria Luisa M. (org.). **Alfabetizar**: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 109-112).
- FÁVERO, L. L. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino da língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira. **Oralidade e escrita**. São Paulo: Cortez, 2005.
- GAGNÉ, Robert Mills. **Princípios essenciais da aprendizagem para o ensino**. Porto Alegre: Globo, 1980.
- GERALDI, João Wanderley. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: \_\_\_\_\_. (org.). **O texto na sala de aula**: leitura & produção. Cascavel: ASSOESTE, 1991.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995.
- JOLIBERT, Joset. **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artmed, 1994. v. 2.
- KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- KOCH, Ingedore. **Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2005.
- MARCUSCHI, Luis Antonio. **Gêneros textuais**: o que são e como se classificam? Recife: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

MATURANA, Humberto.  **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MUNARI, Claudia Silvana. A produção textual nas séries iniciais. In: XAVIER, Maria Luisa M.; DALLA ZEN, Maria Isabel H. (org.). **Ensino da língua materna:** para além da tradição. Porto Alegre: Mediação, 1998, (p. 33-40).

NAVARRO, M. Carmen Diez. **Afetos e emoções na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

NETTO, Samuel Pfromm. **Psicologia da aprendizagem e do ensino.** São Paulo: EDUSP, 1987.

SARMENTO, Leila Lauer. **Oficina de redação.** São Paulo: Moderna, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (org.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Português de olho no mundo do trabalho.** São Paulo: Scipione, 2004.

ZABALA, Antoni (org.) **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.